

Reflexões sobre o tempo, a imagem e a história

*Maria Angela Borges Salvadori**

Clavatta, Maria; Alves, Nilda (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004.

“Uma imagem vale mais que mil palavras”. O questionamento desta velha máxima, tão batida, pode bem resumir as intenções dos seis autores reunidos nesta coletânea de artigos organizada por Maria Clavatta e Nilda Alves, cujo eixo está no trabalho com a imagem, particularmente a imagem fotográfica, e nas múltiplas possibilidades que este tipo de suporte documental pode oferecer aos pesquisadores das ciências humanas. No livro, essas possibilidades aparecem organizadas a partir de três campos de conhecimento – história, comunicação e educação – cujas fronteiras, evidentemente, não podem ser tão rigorosamente demarcadas. Nos artigos, a fotografia aparece como fonte histórica, suporte de memória, arte, parte de processos educativos e, no limite, como narrativa; em todos eles, parte-se do pressuposto de que a fotografia é uma produção social e, neste sentido, a busca de seus significados torna imprescindível o estudo de seus processos de produção e circulação. Não se trata, bem sabem esses autores, de tarefa fácil, pois a imagem, sempre tão encantadora, gera muitas vezes uma atitude contemplativa difícil de ser superada. Aliás, o trato com essas subjetividades latentes, desafio enfrentado pelos pesquisadores que buscam o trabalho com a fotografia, aparece também nestes artigos; às vezes, isto ocorre de modo explícito, tal como no texto de Nilda Alves, no qual as memórias escolares da autora são evocadas a partir de fotos de seu acervo pessoal. Lembrando-se da menina e da jovem normalista que um dia foi a partir de alguns registros fotográficos daqueles anos, Nilda Alves procura mostrar que o valor da foto não está nela em si, mas nas lembranças que pode “chamar”, nos sentimentos que pode trazer à tona.

A discussão sobre a inclusão da fotografia na pesquisa educacional é também o tema do artigo de Gustavo E. Fischman. Contudo, neste caso, não se trata de “provocar” a memória a partir da foto mas de discutir os sincronismos e os anacronismos da relação entre cultura acadêmica e cultura visual. Fischman parte do princípio de que, no universo acadêmico, persiste ainda uma certa rejeição à fotografia, seja porque a noção de ciência que se consagrou no Ocidente reitera a construção de verdades registradas por números e palavras, seja porque a imagem é rapidamente associada à cultura de massa, à banalização e, por isso, descartada. Numa noção de ciência comprometida com a comprovação dos “fatos”,

a imagem passa a ser utilizada como exemplo, como ilustração, como prova; a superação desse anacronismo, segundo o autor, passa pela compreensão da cultura visual em que estamos mergulhados. Daí que Fischman defenda, por exemplo, a incorporação dessa cultura visual não apenas como temática, mas também como procedimento acadêmico e modo de apresentação de resultados de pesquisa.

No primeiro artigo da coletânea, a professora Ana Maria Mauad utiliza sua já longa trajetória na pesquisa com fotografias e produção de conhecimento histórico para sistematizar um método que, lhe parece, bem pode ser empregado para a investigação de imagens fotográficas. Neste sentido, a autora destaca a importância de superar a foto única, exemplar – que se presta mais à ilustração que à análise – e partir em busca das coleções, do grupo ou da série no interior da qual aquela imagem singular ganha sentido. Na proposição desse método “histórico-semiótico”, a fotografia é tratada como texto e, enquanto tal, suporte de relações sociais cuja compreensão está ligada à técnica, aos contextos de produção da imagem e também aos seus contextos de “leitura” e recepção. Ao final, a autora discute a questão da imagem no mundo contemporâneo: pelos recursos da informática, é hoje possível produzir uma imagem bastante desvinculada do “real”, razão para que parte dos pesquisadores se afaste desse suporte cuja credibilidade pode ser questionada. Ana Maria Mauad sugere que, mais que o esforço em comprovar a veracidade da imagem, cabe ao historiador compreender essa tecnologia criada para mentir e seus produtos. A discussão da fotografia como fonte histórica é também o que motiva o texto de Maria Clavatta. Se, com Ana Maria Mauad, temos a proposição de um método para a interpretação histórica das fotografias, no artigo de Clavatta são apresentados alguns conceitos que, conforme a autora, são fundamentais a esse trabalho: o conceito de representação, tal como construído por Roger Chartier, a noção de perspectiva a partir das propostas do Renascimento, os conceitos de memória e identidade tão intimamente ligados e, finalmente, o caráter monumental dos documentos fotográficos a partir do trabalho já clássico de Jacques Le Goff (1992).¹ A fotografia, neste sentido, é suporte de memória, lugar de construção de identidades – tanto pelo que “registra” quanto por aquilo que abandona – e “monumento”, na medida em que sua permanência é resultado de escolhas

Endereço para correspondência:

* E-mail: maria.salvadori@saofrancisco.edu.br

e conflitos sociais. São esses conceitos que iluminam a leitura feita por Ciavatta de um conjunto de fotografias de trabalhadores no Rio de Janeiro, nas décadas iniciais do século XX. Para iniciar essa leitura, Ciavatta busca em autores que estudam esse período – em especial as temáticas relativas às condições de vida e trabalho das classes operárias cariocas – a contextualização das imagens. Em seguida, apresenta algumas fotografias e procura interrogar sobre seus possíveis significados.

Entre esses dois textos iniciais sobre fotografia e história e os dois finais, sobre fotografia e pesquisa educacional, estão dois interessantes artigos sobre fotografia e comunicação, escritos respectivamente por um jornalista – Tanius Karam – e uma professora da Escola Nacional de Belas Artes do México – Laura Gonzáles Flores. No primeiro artigo, discute-se o papel da fotografia na imprensa com base em imagens publicadas em diferentes jornais mexicanos a respeito do massacre de Acteal, em 1997, no qual quarenta e cinco pessoas de uma tradicional comunidade indígena foram assassinadas por grupos de extrema direita que, acredita-se, estavam ligados ao governo. A partir daí, o autor vai discutir o uso da imagem no jornal, tratando-a como um “metarrelato” e salientando sua capacidade de “editar” uma notícia. O autor compara os metarrelatos do massacre de Acteal em dois jornais mexicanos, destacando a centralidade da violência e dos agredidos em um dos periódicos e a valorização das posições oficiais do Estado, em outro. Já o artigo de

Laura Gonzáles Flores traz uma importante discussão sobre a relação entre imagem e tecnologia. O que surpreende, neste caso, é o esforço da autora em recuperar o significado atribuído ao tecnológico no imaginário social – significado este ligado à idéia de reprodução em oposição à criação, de luta entre máquina e natureza humana – para, a seguir, criticá-lo. O texto sugere que esse “progresso tecnológico” permite, mais que a repetição, a criatividade ou, em outras palavras, é possível ver na técnica a possibilidade da arte a partir dos trabalhos de uma vanguarda. Assim, a fotomontagem deixa de ser mentira e/ou alteração para ser arte, possibilidade de transcendência e de estética.

Pelas questões que colocam, pelos métodos propostos, pelas discussões levantadas, os artigos que compõem este livro se tornam uma leitura fundamental para aqueles que iniciam suas trajetórias de pesquisa com imagens. Indicam que, nesse processo, é preciso buscar a superação de certos antagonismos arriscados porque, via de regra, anacrônicos e simplistas: verdade x mentira, revelação x ocultamento, lembrança x esquecimento. Na maior parte dos artigos, estas polaridades, longe de serem assumidas pelos autores, são objeto de reflexão e de crítica.

Notas

- ¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

Sobre a autora:

Maria Angela Borges Salvadori é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco.